

Cadernos de Estudo **Educação Musical: Especial Koellreutter**

Organização: Carlos Kater

*Editora UFSJ | Fundação Koellreutter
São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil*

Prefácio da edição 2018 dos Cadernos de Estudo: Educação Musical, nº6

Quando há mais de 20 anos decidi editar um número dos Cadernos de Estudo: Educação Musical inteiramente dedicado a Koellreutter, temi que num futuro não muito distante a vida em nosso país viesse a se modificar a tal ponto que a publicação se tornasse completamente anacrônica, e que o material elaborado servisse mais aos propósitos da musicologia histórica do que aos da educação musical. As mudanças pelas quais passamos daquela época até o momento foram de fato imensas e, em vários níveis, muito profundas. Mas penso que a substância do pensamento de Koellreutter presente nos textos aqui apresentados reflete ainda hoje seu vigor. Os assuntos que lhe foram caros e aos quais dedicou, ao longo de sua vida, boa parte de seus esforços, mostram-se ainda não apenas pertinentes, mas igualmente relevantes nos dias de hoje.

Koellreutter foi necessário, de maneira semelhante a que Mario de Andrade considerava sermos todos necessários, também eu e você, prezado leitor, prezada leitora. Mas foi preciso que ele - jovem, estrangeiro, apropriado de princípios inovadores (propiciados por seu mestre H. Scherchen), movido por certa vaidade, audácia e gosto pela polêmica -tenha expressado publicamente as fortes contradições e ilusões vigentes no país daquele tempo, enraizadas no meio artístico e educativo dos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Ilusões que podemos todos perceber ainda permeando muitos dos discursos, atuações e realizações atualmente, dentro e fora dos teatros e das academias, num descompasso acentuado e sem coerência entre a vida dita e escrita por um lado, a vida prática e vivida por outro.

Mas Koellreutter também não foi um. Ele foi muitos e não apenas nos tantos papéis e funções que desempenhou enquanto flautista, regente, compositor, musicólogo, professor, diretor, empreendedor... Penso que

cada pessoa que com ele se relacionou com alguma intimidade ou constância o conheceu diferente, pois a partir de um certo momento de sua vida e de sua trajetória como educador, se tornou uma pessoa de pouco falar de si, buscando ao contrário construir narrativas a partir das colocações de seus próprios interlocutores. Koellreutter foi sempre ele, mas sempre igualmente tão múltiplo quanto o universo de pessoas que com ele se relacionaram.

De 1984 a 1990, mantive encontros quase semanais com um Koellreutter, que me abria a porta de seu apartamento da Av. São Luís (SP) com um sorriso amigo e cordial, integrado ao elegante gesto oriental de reverência. E, a cada vez, entrar em seu apartamento foi uma aventura desigual e surpreendente, onde pude não apenas conhecê-lo melhor, mas também a mim, pois nossas conversas não eram vãs, inúteis ou desnecessárias. Mesmo instigado por mim a falar do passado ou de outra pessoa, sua tônica era sempre o presente.

Meu empenho histórico musicológico com certa frequência naufragava e o foco de interesse de nossa conversa se dirigia naturalmente para o presente, para a escuta do mundo e da música daquele hoje, com reflexões sobre algum tema instigante, com pensamento prospectivo em perspectivas de novas alternativas de presente e... algum futuro.

O presente e o futuro lhe seduziam. O aqui e agora, o ali e agora, o agora no tempo acima do tempo, foram certamente aprendizados transformadores proporcionados pelas estadias que teve na Índia e no Japão, quando dirigiu o Instituto Goethe em Nova Deli e Tóquio.

Pessoa de projetos, questionador mas empreendedor, suas atenções ao longo dos anos, desde os preparativos do movimento Música Viva (em 1938), convergiram para a função social ampla do músico em seu tempo. A modernidade o motivava, a contemporaneidade o instigava, pondo em evidência o sentido essencial do movimento e dos processos de vida, da importância da

música nova, de todas as épocas por um lado, à construção do ser humano novo de todos os dias, sobretudo de hoje e “quicá” de amanhã.

Como ele tanto insistiu a respeito da importância de nos perguntarmos, sempre que possível, “Por que?”, acredito ser valioso hoje, nos perguntarmos... “Por que poderia ser relevante lembrarmos e refalarmos de Koellreutter uma vez mais, aqui e agora? ”

Será que passados tantos anos estaríamos no presente mais próximos de uma inteligência coletiva capaz de ir além da vaidade individual, de um entendimento de questões essenciais capaz de ultrapassar e superar uma simples visão ego-referente?

Será que hoje estamos de fato mais conscientes das reais problemáticas de nossas sociedades e da importância de nosso papel como músicos, artistas ou educadores contemporâneos?

Estamos sendo capazes de oferecer alternativas de trabalho efetivas, originais, criativas e colaborativas em sintonia com os desafios mais significativos propostos por nosso tempo?

“Hoje” é sempre o tempo e, mais do que nunca, momento urgente para que encontremos um sentido que alimente novas formas de pensamento e promova a prática de novas posturas e atitudes frente ao mundo em que vivemos.

E uma das tarefas maiores da arte, um dos desafios mais elevados da educação musical contemporânea é justamente o de despertar a consciência da importância dessa problemática. Em todas as sociedades atuais do planeta as questões estéticas e educativas mereceriam estar orientadas para o desenvolvimento das pessoas, a partir do estágio onde cada uma se encontra até aquele ponto que nenhum de nós realmente conhece mas que podemos imaginar como correspondendo à mais completa realização do ser humano.

É essa a finalidade da música, da arte, da educação e de todos os atos humanos carregados de intenção sincera e praticados com consciência.

Que os princípios caros a Koellreutter (e a tantos que o precederam) e os que agora estão a nossa volta, se amplifiquem em nossas ações hoje e amanhã, para que a arte, a música e a educação possam se tornar realmente uma oportunidade essencial para o desenvolvimento da pessoa humana e um recurso eficiente de transformação qualitativa da sociedade.

O primeiro passo se dá pelo caminho a ser percorrido pelo próprio educador ou artista sobre si mesmo, para que a seguir, num segundo momento, seja possível estender esse trabalho junto ao outro, àqueles envolvidos no processo formador, artístico e educativo.

E isto é não apenas necessário, mas urgente, muito mais do que ontem e ali, aqui e agora!

Música é vida, vida é movimento.

Que alguns desses textos possam ser escutados a todo instante com a viva intenção que os suscitou.

Carlos Kater